

## PREFÁCIO\*

A História Antiga e a sua relevância no ensino: a contribuição de José Petrucio de Farias Júnior, e Pedro Paulo A. Funari – Departamento de História, IFCH, Unicamp.

A História Antiga tem recebido crescente atenção no Brasil, como atesta a sua presença marcante na Associação Nacional de História (ANPUH), o número e a variedade de mestrados e de doutorados na área, e a presença cada vez maior de especialistas nos cursos de graduação em História, Brasil afora. Há grande demanda, por parte dos licenciandos, pelo estudo da Antiguidade, entre outros fatores, pela preocupação dos futuros professores em responder à demanda ávida dos alunos do Ensino Fundamental e Médio. Os livros didáticos esmeram-se em dar conta da Antiguidade, multiplicam-se as obras de apoio didático e de divulgação, nas publicações de difusão histórica, os antigos estão sempre presentes, também por interesse do público.

A preocupação com a formação de professores de História capacitados a utilizar a Antiguidade de maneira criativa consiste, portanto, desafio particular. O mundo antigo serviu, em diversas épocas e circunstâncias, para a defesa do *status quo* dos privilégios, da escravidão, da submissão de mulheres e de subalternos, muitas vezes, a partir de leituras enviesadas das fontes antigas, ao refletir conceitos e preconceitos modernos. No Brasil, sociedade das mais desiguais, a Antiguidade nem sempre serviu a induzir ao pensamento questionador ou à ação crítica. Desde o surgimento da pesquisa universitária de História Antiga, no entanto, os temas distanciavam-se de princípios opressores, como na tese do pioneiro da História universitária, Eurípedes Simões de Paula, com seu estudo das relações entre “Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade” (1946), assim como a da primeira doutora, Maria da Glória Alves Portal (1967), sobre a escravidão na Dácia. De maneira sintomática, em pouco tempo, lá estava a relação crítica entre passado antigo e iniquidades na História do Brasil (Portal 1975).

As últimas décadas, desde a Anistia (1979), testemunharam um aprofundamento do estudo crítico da Antiguidade e esta original obra de José Petrucio de Farias Júnior representa bem esse florescimento intelectual do estudo da História Antiga no país. A atenção ao ensino e à formação docente constituem contribuições de particular originalidade no contexto brasileiro, tanto ao debru-

---

\*DOI – 10.29388/978-65-81417-12-3-f.11-12

çarem-se sobre o ensino no passado como ao refletir sobre os desafios nos dias de hoje. Temas de ressonância hoje, e de capital importância para o futuro, são discutidos, a começar pelo estudo e pela reflexão sobre a diferença. Paul Veyne (1976) ressalta que a história é o inventário das diferenças, como David Lowenthal (1985) e a sua proposta do passado como um país estrangeiro. Racine (1639-1699), muito antes, já dizia que visitar o passado era como ir a um país distante. Derrida (1967) enfatizaria o distanciamento, o lapso de espaço e de tempo, como sendo a raiz da diferença, o que criaria até um neologismo (em português, seria “diferir”, frente a “diferenciar”). A diferença como critério de humanidade, como possibilidade de compartilhamento de mundo e com a participação ativa do outro, constitui a grande contribuição da história para a convivência humana. A Antiguidade pode servir de meio de convivência, mais do que de disputa e de desavença.

Para isso, o ensino tem papel central, na medida em que a socialização constitui aspecto essencial na formação do futuro cidadão. O racismo, a naturalização das desigualdades, da hierarquização, do triunfo da tristeza frente a alegria (Deleuze 2002), como diria Spinoza. ante a tristeza (*tristitia*) da barbárie e da morte, pode contrapor-se a alegria (*laetitia*) da vida. Spinoza (Ética III) nomeia alguns afetos considerados tristes, tais como medo, ciúme, inveja, arrependimento, assim como desejos tristes: frustração, cólera ou vingança. Menciona, por outro lado, afetos e desejos alegres, como amor, glória, generosidade ou coragem. Tudo isso depende do ensino e é neste contexto que se insere esta obra de José Petrúcio de Farias Júnior. Com uma reflexão original e rara, contribui para que tenham um futuro melhor para todos, a partir do conhecimento e da convivência mútua.

*Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari*